



HEMEROTECA
MUNICIPAL
DE LISBOA

MARIA RITA : SEMANÁRIO HUMORISTICO¹ – Periódico do Porto, manteve-se nas bancas desde 23 de abril de 1932 até 9 de dezembro de 1933. Saía aos sábados. A 4 de agosto de 1934, *Maria Rita* foi ressuscitada por via de um «Número Especial» dedicado à 1.^a Exposição Colonial Portuguesa², inaugurada no Palácio de Cristal, no Porto, a 16 de Junho de 1934. O legado do *Maria Rita* fixou-se, portanto, em 86 números mais um, «Especial» e único.³

É um jornal de pequeno formato (32 cm), com 16 páginas, impressas a duas cores; a primeira era, em regra, ocupada com um *cartoon* (vinheta cómica). A estrutura de secções foi variando ao longo do tempo e assumindo a forma de uns supostos «suplementos» que foram crescendo em número. Apresenta publicidade, mas com a particularidade de ser temperada com humor. O preço do *Maria Rita* era o seguinte: avulso – 1 escudo; as condições de assinatura contemplavam as opções ano e semestre e variavam de acordo com a geografia - Continente e ilhas (45\$00/24\$00); Colónias (50\$00/70\$00); Estrangeiro – 60\$00/100\$00).

O semanário era propriedade da empresa editora do «Magazine “*Civilização*”», célebre mensário da invicta, fundado uns anos antes (julho de 1928) por Ferreira de Castro⁴ e Abílio Campos Monteiro⁵, que partilharam a sua direção.

¹ Disponível na Hemeroteca Digital, em:

<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/periodicos/MariaRita/MariaRita.htm>

² Sobre este evento sugerimos a consulta do dossiê digital que a Hemeroteca organizou em 2014, para assinalar o 80 Aniversário da Exposição, disponível em: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/EFEMERIDES/exposicaocolonial/exposicaocolonial.htm>

³ Na *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* «*Maria Rita*» é apresentada como uma figura associada ao folclore, por via de um «contarelo popular» que canta o seu espírito otimista, a sua atitude “não te importes” e zombeteira, o que lhe valeu o morrer a rir. Referem ainda que foi a origem da expressão adjetivante «é como a *Maria Rita*», que entretanto caiu em desuso.

⁴ José Maria Ferreira de Castro (1898 – 1974) – Escritor e jornalista. Nasceu em Ossela, Oliveira de Azeméis, a 24 de Maio de 1898, onde existe uma escola secundária com o seu nome. Emigrou para o Brasil no início da adolescência, e residiu em Seringal Paraíso. Apesar das dificuldades que enfrentou, foi aí que começou a dedicar-se à ficção e ao jornalismo. Durante a Grande Guerra, regressou a Portugal e procurou firmar o seu nome na imprensa. Juntou-se ao grupo anarco-sindicalista do jornal *A Batalha : suplemento literário* (1923-27) e *Renovação : revista quinzenal de Arte, Literatura e Actualidades* (1925-1926); colaborou também na revista *ABC*, de Rocha Martins, na *Ilustração*, de João da Cunha d’Eça (1926-1939) e no semanário *O Domingo Ilustrado*, de Leitão de Barros e Martins Barata (acesso digital em <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/DOMINGOILUSTRADO/DomingoIlustrado.htm>); foi redator do jornal *O Século*; co-fundador do magazine *Civilização* e, em 1935, tornou-se diretor do jornal *O Diabo*. Como escritor ficcionista publicou uma vasta obra, da qual vários títulos se encontram disponíveis nas BLX. Faleceu no Porto a 29 de Junho de 1974.

⁵ Abílio Adriano de Campos Monteiro (1876-1933) – Médico, escritor e jornalista. Nasceu em Moncorvo, a 7 de março de 1876. Estudou nos liceus de Viana do Castelo e do Porto e formou-se na Escola Médico Cirúrgica da invicta, em 1902. A vida de Campos Monteiro esteve sempre centrada no Porto. Aí exerceu medicina praticamente até ao dia da sua morte e desenvolveu alguma atividade política direta: em abril de 1918, foi eleito deputado monárquico, e exerceu funções na Câmara Municipal de Matosinhos. Depois dessa breve experiência «não se comeu à minha mesa outro pão que não fosse ganho pela minha pena,

Maria Rita, filha da *Civilização*, teve por diretores literários, Arnaldo Leite⁶, Carvalho Barbosa⁷ e José Artimanha, pseudónimo usado por Heitor Campos Monteiro⁸; e como diretor artístico, Octávio Sérgio⁹ que desempenhava também as funções de

– formulando récipes ou escrevendo crónicas e livros.» Era ainda estudante quando descobriu a sua vocação para as letras e começou a colaborar na imprensa: aos 15 anos, tornou-se colaborador do *Moncorvense*; aos 17 anos integrou a redação do semanário, *Pontos e Virgulas*, do Porto; e aos 19 já era diretor do *Vida Nova*, de Viana. Depois, trabalhou em vários jornais do Porto, e quando se sentiu «farto de periodismo», dedicou-se à escrita de peças de teatro, livros de crónicas, contos, sátiras e monografias de natureza etnográfica. Durante a Grande Guerra, em 1917, regressou aos jornais para reabilitar a ideia monárquica. Fundou e dirigiu o diário *Pátria*, com Pereira de Sousa; a revista *Argus*, com Mário Antunes Leitão (acesso digital em <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/Argus/Argus.htm>); e o magazine *Civilização*, com Ferreira de Castro; foi redator do *Debate*, d' *A Época*, de Lisboa, e colaborou no *Jornal de Notícias*, no *Primeiro de Janeiro* e também na *Maria Rita*, onde são detetáveis, pelo menos, dois dos pseudónimos que usou, «Marcial Jordão» e «Turidu». Deixou vasta obra publicada, parte dela disponível nas BLX. Faleceu a 4 de dezembro de 1933. Nessa ocasião, quer o magazine *Civilização*, quer o semanário *Maria Rita* produziram edições em sua homenagem. O facto de ter dois filhos, Germano Coutinho de Campos Monteiro e Heitor de Campos Monteiro, que também foram escritores e jornalistas, e que com ele partilharam funções nos mesmos periódicos, como aconteceu na *Civilização* e no *Maria Rita*, dificulta bastante a tarefa de destrinçar quem é quem, ou seja de que “Campos Monteiro” se trata.

⁶ Arnaldo Leite (1886-1968) – Comediógrafo, nasceu no Porto, a 9 de março de 1886, e escreveu a primeira comédia, com 16 anos de idade, revelando-se fadado para a literatura teatral. Consagrou-se no género revista, no qual se estreou em 1907, no Porto, com «*São Ordes!*». Possivelmente, foi na capital do norte que conheceu o escritor Carvalho Barbosa, com quem veio a desenvolver um trabalho muito criativo e prolífero, caldeado na amizade. Juntos escreveram cerca de 29 peças, o que lhes rendeu um lugar na história do teatro e no coração do público. Fazer rir era a arte dos dois compinchas pelo que não tardou muito para que partissem à descoberta de outros palcos e outras formas de comunicar e novos públicos, como a imprensa humorística. Foram co-fundadores e diretores de, pelo menos, semanários humorísticos: o *Cócorócó* (1924-1927), o *Pirolito: bate que bate* (1931-1934, com acesso digital, para os anos de 1931-1932, em <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/Pirolito/Pirolito.htm>) e o *Maria Rita*, da qual se desvinculou, em simultâneo com Carvalho Barbosa, em abril de 1933 (n.º 53). Arnaldo Leite também manteve secções humorísticas em vários jornais portugueses e brasileiros. Após a morte de Carvalho Barbosa, em 1936, Arnaldo Leite e Heitor Campos Monteiro continuaram a trabalhar em parceria. Faleceu no ano 1968, na cidade que o viu nascer.

⁷ Luiz Antero Carvalho Barbosa (1884-1936) – Comediógrafo, poeta e jornalista, nasceu no Porto, a 3 de Janeiro de 1884. Trabalhou para o teatro (revista e comédia) em estreita colaboração com Arnaldo Leite. Com ele fundou e dirigiu os semanários humorísticos já referidos – *Cócorócó*, *Pirolito* e *Maria Rita*, da qual se desvinculou, em simultâneo com Arnaldo Leite, em abril de 1933 (n.º 53). Em parceria com Arnaldo Leite e sozinho sustentou secções humorísticas em diversos jornais e revistas Portugueses e Brasileiros. Também foi autor de uma vasta obra que, além de peças de teatro, inclui poesia, monografias de investigação erudita, recordações e memórias, novelas e contos. Esse legado está parcialmente disponível nas BLX. Faleceu ainda novo, no Porto, quando corria o ano de 1936.

⁸ Heitor de Campos Monteiro (1899-1961) – Escritor humorista e jornalista, nasceu em S. Mamede de Infesta, a 6 de julho de 1899. A sua ligação à imprensa foi precoce, como era comum naquele tempo. Foi diretor do jornal infantil, *A Criança*, quando tinha apenas 12 anos de idade. Depois, foi diretor de várias revistas literárias como, *O Flirt* (1916), *Céu Azul* (1921) e *Labareda* (1921). Em parceria com Arnaldo Leite, Carvalho Barbosa fundou e dirigiu o semanário *Maria Rita*, a cuja direção se juntou, posteriormente, o seu irmão Germano Coutinho de Campos Monteiro (1897-1939). Depois da morte do pai, os dois irmãos, Heitor e Germano, dirigiram o magazine *Civilização*. Em colaboração com Arnaldo Leite redigiu textos para o teatro (revistas e comédias) e publicou livros de versos humorísticos, contos e crónicas. Também foi tradutor de humoristas franceses.

⁹ Octávio Sérgio Boaventura (Leiria, 1896 – Via Nova de Gaia, 1965) – Pintor, caricaturista e jornalista, nasceu em Leiria, a 19 de Maio de 1896. Era irmão de Armando Boaventura que também foi artista de relevo. Formou-se no Porto, onde conclui o curso do magistério primário, e depois estudou desenho e Pintura, na Escola de Belas Artes. Não teve dificuldade em ver reconhecido a sua veia artística e sensibilidade e conhecimento, pelo que rapidamente ganhou visibilidade na imprensa, quer como

«Secretário da Redacção». O editor era E. Costa Monteiro. A partir de julho de 1933, a direção do *Maria Rita* passou a ser assegurada apenas pelos dois irmãos Campos Monteiro, Heitor (José de Artimanhas) e Germano (Dr. Knox).

A Redacção e Administração do *Maria Rita* estavam sedeadas na Rua do Almada, 107-2.º, no Porto. O espaço era partilhado com a *Civilização*, que até ali tinha estado sediada na Rua Duque de Loulé, 151 – 1.º, na mesma cidade. Já no que tocava aos serviços de composição e impressão recorriam a tipografias diferentes, sendo a do *Maria Rita* a Imprensa Portuguesa, na Rua Formosa, 116. As duas publicações também partilhavam redatores, ilustradores, colaboradores (literários e gráficos) e, provavelmente, muitos outros recursos humanos, técnicos e materiais, daí que não surpreenda a constatação de uma série de semelhanças e afinidades, quer na forma, quer na substância.

Mas os laços familiares do *Maria Rita* não quedavam na *Civilização*. Por via dos diretores Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa irmanava com outros semanários humorísticos do Porto, como o *Cócoró* (1924-1927) e o *Pirolito: bate que bate* (1931-1934). Por qualquer motivo não explicitado, essas relações não foram valorizadas por *Maria Rita*, quando se apresentou ao público pela primeira vez. Nessa altura, *Maria Rita* vangloriou-se sim de ser descendente ou continuadora da estirpe de outra *Maria Rita* nascida também no Porto, em 1885¹⁰: «Só os que forem muito velhos, acima dos setenta e tantos anos, se lembrarão ainda da *Maria Rita*, esse Demócrito de saias e chinelas de ourelo que passou a vida a rir, e a rir deu a alma ao Criador, certo dia em que dois ou três casos grotescos desabaram sobre ela, ao mesmo tempo, como uma nuvem densa de gases hilariantes.»¹¹

Relativamente a essa antepassada as memórias não só escasseiam como não são completamente coincidentes. Recorreu-se aos apontamentos de Augusto Xavier da Silva Pereira (1838-1902) porque são coevos e reúnem mais informação. De acordo com a sua descrição, *Maria Rita* foi iniciada a 16 de junho de 1885 e manteve-se até 14 de setembro de 1886; foram seus dirigentes Sá Albergaria e António Cruz e o ilustrador J. M. Pinto; no primeiro número, foi explicado que o título era inspirado num dos vultos políticos do partido monárquico; e trazia na primeira página o retrato da «*Maria Rita (mulher do povo que dizem morreu a rir)*», sendo evidentes as semelhanças com «*um distinto general de engenharia que foi ministro d'estado num dos gabinetes organizados pelo partido progressista.*»¹²

caricaturista, quer como cronista e crítico de arte. Foi um colaborador assíduo d' *O Primeiro de Janeiro*, *A Tarde*, *O Diário do Norte*, *O Norte Desportivo*, *Sempre Fixe* (disponível, para os anos de 1926 a 1932, na Hemeroteca Digital, em <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/SempreFixe/SempreFixe.htm>), entre outros; foi redator do diário *A Montanha*, chefe de redacção do *Jornal de Notícias* e do magazine *Civilização*; e diretor artístico e também literário do semanário humorístico *Maria Rita*, do qual se desvinculou em Julho de 1933 (n.º 64). Simultaneamente, desenvolveu atividade como desenhista, pintor e decorador. Ilustrou livros, realizou dezenas de exposições por todo o país e no estrangeiro, e esteve envolvido na produção de diversos certames e eventos, como a I Exposição Colonial no Porto (1934) e as Comemorações do Centenário da Restauração (1940). Faleceu em Vila Nova de Gaia, em 1965

¹⁰ Esta *Maria Rita*, a primeira, não faz parte da coleção da Hemeroteca Municipal, mas está disponível na Biblioteca Nacional e na Biblioteca Municipal do Porto.

¹¹ Conf. «Crónica anacrónica», in n.º 1, p. 3

¹² Conf. «*Maria Rita*» in Dicionário Jornalístico Português. Academia de Ciências de Lisboa (digital).

Claro que os tempos eram outros, mas bem vistas as coisas «*a comédia é a mesma*», reconhecia, em 1932, o editorial de *Maria Rita*. O cómico e o trágico coexistem neste mundo, embora «os factos risíveis sobrepujam em número os que mereçam a compunção geral». É sempre possível encontrar «*um lado intensamente ridículo*» e era esse filão que a “nova” *Maria Rita* se propunha explorar para regozijo do público. Ao pessimismo amargurado do último personagem de António Ferro, que afirmara algures «*A vida é feia, a vida é triste*», *Maria Rita* contrapunha um otimismo hilariante: «*Engano! A vida é diabolicamente linda, como um sorriso de Greta Garbo, e prodigiosamente alegre, como uma carteira a transbordar.*

*Mas, mesmo que assim não fosse, – tristezas não pagam dívidas. Cá em casa não se admitem lágrimas, a não ser o «lacrima-cristi». E ainda assim, prefere-se-lhe o champanhe: no cristal transparente da Verdade, a espuma saltitante do Riso.»*¹³

Enquanto personagem desenhada, *Maria Rita* parece ser a versão feminina do Zé Povinho¹⁴, criado por Bordalo Pinheiro, a quem renderam homenagem no primeiro número: «*MARIA RITA, ao iniciar a sua publicação numa hora em que a expressão do riso é tão difícil, presta à memória de Rafael Bordalo, o grande animador do boneco nacional, as suas comovidas homenagens.*» Deste «*parêntesis de seriedade no curso da laracha*» de *Maria Rita* – que se faz acompanhar de um retrato a carvão do mestre caricaturista, da autoria de Octávio Sérgio – importa destacar aquela referência à «hora em que a expressão do riso é tão difícil», na medida em que essa afirmação dá a medida do pessimismo que os dominava ou, pelo menos, da apreensão, com que olhavam para a realidade envolvente; uma apreciação que foi acentuada pelo enaltecimento da obra dos «grandes satirizadores da *comédia humana* em Portugal» como Rafael Bordalo, Eça, Ramalho, Fialho ou Junqueiro.

A que dificuldades se referiam? O que é que obstruía a «*Verdade*», estimulando o recurso à «*espuma saltitante do Riso*»?

Nascida no início dos anos 30, sob o impacto da Grande Depressão de 1929, *Maria Rita* assistiu à derrocada (temporária) do liberalismo, ao descrédito da democracia e à emergência de movimentos radicais que, em muitos casos, acabaram por conquistar o poder, instituindo regimes de natureza autocrática, como aconteceu em Itália, com Mussolini (1922); União Soviética, com Staline (1922); Portugal, com Salazar (1932); Alemanha com Hitler (1933). Um tempo de mudança, eivado de contradições, que procurava conciliar o que parecia inconciliável, o velho com o novo, a tradição com o modernismo, o conservadorismo com a revolução, a liberdade com a autoridade, a ciência com a religião, etc. Uma desordem que Óctávio Sérgio, o diretor artístico, traduziu habilidosamente num *cartoon* publicado no n.º 1, pág. 2.

Em Abril de 1932, quando *Maria Rita* apareceu, Salazar ainda não era chefe do governo¹⁵ e ainda não estavam publicados os estatutos da União Nacional, o “partido” governamental que daí a pouco tempo seria a única alternativa à ilegalidade.¹⁶

¹³ Conf. «Crónica anacrónica», in n.º 1, p. 3.

¹⁴ A figura do Zé Povinho foi recriado nas páginas do *Maria Rita*, pelo lápis de Octávio Sérgio, Natalino e outros caricaturistas.

¹⁵ Tomou posse a 5 de Julho de 1932.

¹⁶ Os Estatutos foram publicados no *Diário do Governo* n.º 195, de 20/08/1932 (Decreto n.º 21.608). Em novembro, foram nomeados os membros da Comissão Central, órgão diretivo superior. Pouco tempo depois, foram alterados por força do Decreto n.º 21.859, de 12/11/1932, no *D.G.* n.º 266.

Portanto, durante grande parte da sua vida, os anos 1933-34, *Maria Rita* assistiu à institucionalização do projeto político de Salazar, o Estado Novo, e ao silenciamento de todas as forças partidárias e movimentos políticos que ofereceram resistência ativa. Não foi o caso dos monárquicos, de quem *Maria Rita* era uma espécie de mandatária, o que não significa que se sentissem completamente confiantes e seguros perante o salazarismo emergente.

De facto, no semanário humorístico não se contestou a natureza do regime ou a forma de governo, pelo contrário, assumiram que a monarquia era uma ideia «ridícula no século vinte»; e até investiram algum tempo e espaço na desmobilização dos que ainda acalentavam a esperança de um regresso à monarquia, recolhendo o depoimento «de alguns monárquicos categorizados» sobre a «questão da sucessão dinástica», suscitada pela morte de D. Manuel II a 2 de Julho de 1932.¹⁷ Aparentemente, estavam sintonizados com a cartilha de valores salazarista – Deus, Pátria e Família –, e partilhavam a ideia de um país rural, trabalhador, honrado, ordeiro, etc.. O que manifestamente lhes provocava alergia eram o fascismo italiano, o nacional-sindicalismo alemão e os seus seguidores em Portugal – à data, reunidos à volta de Rolão Preto – que, ao contrário de outros partidos e movimentos políticos, foram tolerados por Salazar até meados de 1934. Foram eles, portanto, o alvo preferido da chalaça mais assertiva e corrosiva do *Maria Rita*. Mas havia outros alvos a jeito, claro: os socialistas, os sindicalistas, os republicanos “adesivos”... e o próprio governo sempre que sofria qualquer revés ou percalço.

Sem perder de vista o que se passava “lá fora”, *Maria Rita* não tirou o olho do que ia acontecendo no país - Ilhas e colónias incluídas – sobretudo no Norte, e foi uma atenta cronista do quotidiano no Porto. Tudo lhe interessava. Não podia ser mais generalista do que foi. Hoje, essa feição regionalista e generalista, somada aos artifícios próprios do humorismo e aos constrangimentos impostos pela censura, dificulta apreensão do sentido dos textos e a identificação das vítimas da chacota. Porém, a proliferação de caricaturas, *cartoons* e tiras cómicas, especialmente focados em figuras de envergadura internacional e nacional, acaba por compensar, pois estimula o sentido crítico e as cócegas.

Ao longo da vida do *Maria Rita* foi sendo construído um álbum dos líderes e figuras públicas daqueles tempos, muitas vezes enquadrados em rubricas ou secções temáticas, na sua maioria da lavra do diretor artístico, Octávio Sérgio, como: «Perfis do Porto» (n.º 1-82), que começou no primeiro número e reuniu mais de 50 caricaturas que, a partir de maio de 1933, saíram também do lápis de Cruz Caldas (1898-1975); «Coroas & Cartolas», 11 caricaturas (n.º 1-14); «Aguias & Cágados», totalizou 10 (n.º 29-42); «Os meus bonecos», foram 18, desenhados por Francisco Lacerda (n.º 56-84); os «“Lusíadas” ilustrados» (n.º 62-75); e a série «A vida e a Morte» que junta caricaturas e *cartoons* (n.º 1-27)

Esta lista está longe de representar a totalidade da oferta do *Maria Rita*. Na composição das páginas a presença de imagens era a regra, quer funcionassem *per si*, quer para complementar ou ilustrar os textos. Assim, além dos artistas já referidos, outros, mestres e novos, deixaram marca da sua criatividade nas páginas do semanário, de um modo esporádico ou continuado, como sejam: Cristiano de Carvalho (n.º 38) e Manuel Monterroso (n.º 4 e 38), Natalino, + Além (pseudónimo de Alberto

¹⁷ Conf. «A Causa Monárquica», in nº 16, 6/08/1932, pp. 8-9.

Sampaio), D. Fuas (pseudónimo de Luís de Carvalho Cunha), Alceu (Alceu Maia Vinho dos Alceu), Teixeira Cabral, entre outros.

Também aparecem trabalhos de artistas estrangeiros, provavelmente replicados a partir da imprensa, nomeadamente dos alemães Arnold¹⁸ e Kley¹⁹, além de outro que assinava como Castel²⁰. Há também uma curiosa homenagem prestada ao jovem rato *Mickey*, ainda há pouco tempo nascido (1928) e que já ganhara o direito a um lugar no pódio das «celebridades mundiais do riso»²¹

À semelhança do que se passou com as imagens, as secções ou rubricas de texto também foram variando ao longo do tempo; há muitos artigos, notícias e comentários avulso, além de concursos e um número crescente de suplementos temáticos, fictícios. A diversidade de assuntos acompanha a dos géneros jornalísticos adotados (notícias, entrevistas, reportagens, crónicas, comentários, etc.), pelo que não é fácil de sintetizar. A abundância de pseudónimos também não ajuda a tarefa. De qualquer forma parece óbvia a estreita relação com o meio artístico, literário, teatral, jornalístico, radiofónico e desportivo do Porto.

Tanto quanto foi possível apurar, na redação do *Maria Rita* estiveram envolvidos: Abílio de Campos Monteiro – que usava os pseudónimos «Marcial Jordão», para assinar o editorial «*Factos a prestações. Crónica anacrónica*», e «Turiddu» na secção «Peças e Fitas»; Heitor de Campos Monteiro – que encarnava a figura do diretor «José de Artimanha» que assinava a secção «*O passado... passado a ferro*»; Germano de Campos Monteiro²² – tudo leva a crer que fosse o «Dr. Knox»²³, que redigia as histórias «*De arrepiar os Cabelos*» e que, a partir de Julho de 1933, passou a figurar no cabeçalho do semanário como diretor; Tomaz Ribeiro Colaço²⁴, assinava a crónica «*Folhas de Alface, cartas da Capital*»; Abreu e Sousa e Ascensão Barbosa²⁵ –

¹⁸ Karl Arnold (1883-1953), do jornal satírico *Simplicissimus*, in n.º 1 e outros.

¹⁹ Heinrich, Kley, 1863-1945, in n.º 3 e outros.

²⁰ Conf. n.º 12.

²¹ Conf. n.º 32, de 26/11/1932, pp. 8-9.

²² Germano Coutinho de Campos Monteiro (1897-1939) – Filho primogénito de Abílio de Campos Monteiro, nasceu em S. Mamede de Infesta, a 8 de outubro de 1897. Formou-se em medicina, no Porto, e como médico militar esteve muitos anos colocado no Ultramar (África e Índia). Talvez por isso a sua herança literária seja menor do que a do irmão, Heitor. Ainda assim, publicou alguns romances e, em parceria com ele, escreveu para o teatro e esteve envolvido na redacção e na direcção do *Maria Rita* e do magazine *Civilização*. Faleceu a 28 de fevereiro de 1939.

²³ Conf. caixa publicitária sobre o *Maria Rita*, in *Civilização*, n.º 48, de junho de 1932, p. 99.

²⁴ Tomás Ribeiro Colaço (1899-1965) – Advogado, poeta e jornalista, nasceu em Lisboa, no ano 1899, e formou-se na Faculdade de Direito. É tido por monárquico convicto, de tipo ultra-liberal e moderno. Dedicou-se desde novo ao jornalismo, pelo que a sua prosa e versejar se podem encontrar em periódicos como Comércio de Viseu, *Opinião*, *O Dia*, *Correio da Manhã*, *Diário de Lisboa*, *Civilização*, *Maria Rita*, *Notícias de Lourenço Marques*, *Século Ilustrado*, *Voz*, *Humanidade*, *Juventude*, entre outros. Em 1934, fundou e dirigiu o prestigiado e polémico semanário literário *Fradique*. Também colaborou na Emissora Nacional, com dois programas populares, a «Crónica de Domingo» e a «Crónica da Crítica». Foi presidente do Sindicato da Imprensa Portuguesa, cargo que abandonou quando este deu lugar ao Sindicato Nacional dos Jornalistas. Em 1940, foi para o Brasil, onde acabou por falecer, em 1965. Deixou por um legado vários romances, livros de poesia e algumas peças de teatro.

²⁵ António Ascensão Barbosa (Porto, 1900-Lisboa, 1955).

eram os «Irmãos Unidos»²⁶, que redigiam a crónica «*Por Mal dos Nossos Pecados (Impressões de dois lisboetas de empréstimo)*»; e Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa, ambos diretores literários, que escreviam a coberto de um nome inventado.

Não merece a pena desenrolar a lista de pseudónimos presentes no *Maria Rita* porque é infundável e indecifrável. Parece-nos melhor opção referir algumas das suas secções ou rúbricas, as mais duradouras ou estáveis pois permitem uma aproximação à sua substância. Temos então: «*Coisas de fora*», notícias curtas do estrangeiro; «*Bola ao Centro*» noticiário de futebol; «*Nas bocas do mundo*», que acompanhava a atividade das «emissoras portuenses»; «*Peças e Fitas*», secção dedicada ao teatro; «*Rés-do-chão. Balancete da semana*», uma crónica em verso; «*Escola do Cadelão*», apontamentos de cultura geral; «*Meio conto por semana ou 500\$00 de prosa*»; «*Farrapos da ciência*»; «*Viagens Maravilhosas*»; «*Arte de bem redigir*»; «*Mariaritadas*»; «*ANÚNCIOS da Maria Rita*», entre outras.

Em regra, as páginas centrais estavam reservadas para reportagens e outros trabalhos de maior fôlego. A imprensa regional era outro ponto de focagem e comentário do *Maria Rita* que sustentou uma controvérsia infundável (real ou fictícia?) com o semanário *Ecos de Cacia*²⁷ e justificou a criação de «*Descanso Semanal*», o seu primeiro suplemento, «*dedicado exclusivamente aos jornais por mais hebdomadários que pareçam*» (a partir do n.º 16); depois, a produção de “suplementos” nunca mais parou, cada um com a sua orientação específica, como: «*O Académico*», suplemento dirigido por Damião de Góis, Júnior (a partir do n.º 28); «*O Branco No Preto*», dedicado às colónias e ilhas adjacentes (a partir do n.º 47); «*A Pensar Morreu Um Burro. Órgão impressível ao bom funcionamento do pensamento nacional*» (a partir do n.º 48, foi o mais duradouro); o «*Mentes Tu. Órgão Oficial dos mentirosos natos ou de condição*» (a partir do n.º 49); «*O Anjo Da Guarda. Semanário Feminino de Grande Decilitragem*» (a partir do n.º 53); «*O Pó-Pó. Órgão indispensável ao corpo automobilista*», conduzido por A. M. Rocha Brito (a partir do n.º 65); «*O Toucador. Semanário mais do que preciso à cabeceira do tálamo*», que dizia ter o director «*Suspenso Temporariamente*» (a partir do n.º 66); «*O Mergulho. Órgão definitivo de todas as praias e termas*», com «*director intermitente*» (n.º 71); e «*Part...I...Ida! Semanário Completamente Ferro-viário*», com direcção de Zé de Artimanhas» (n.º 72).

Na sequência da morte de Abílio de Campos Monteiro, a 4 de Dezembro de 1933, foi anunciado o fim do *Maria Rita*, no “último” número sequencial, no qual lhe foi rendida homenagem. Várias personalidades e amigos participaram; trata-se, portanto, de um documento interessante para quem queira estudar a figura.

Como já aqui foi referido, no final da *Exposição Colonial do Porto*, em Julho de 1934, *Maria Rita* reapareceu, ainda que num formato diverso, para dar suporte a uma espécie de balanço do evento.

Lisboa, 2/08/2017

Rita Correia

²⁶ Conf. *Civilização*, n.º 48, de Junho de 1982, p. 99.

²⁷ *Ecos de Cacia. Semanário bairrista independente, defensor dos interesses do Vouga*, dir. de José Marques Damião, iniciado em Agosto de 1930. Ainda hoje se publica. Disponível na Hemeroteca Municipal.

BIBLIOGRAFIA

Dicionário Cronológico de Autores Portugueses, org. Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, coord. Eugénio Lisboa. Mem Martins: Publicações Europa-América, ed. revista e ampliada, 1990-?

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. Lisboa/Rio de Janeiro : Editorial Enciclopédia, 1978.

ANDRADE, Adriano da Guerra – *Dicionário de Pseudónimos e Iniciais de Escritores Portugueses*. Lisboa : Biblioteca Nacional, 1999.

CALDEIRA, Arlindo Manuel - «O partido de Salazar: antecedentes, organização e funções da União Nacional (1926-1934)». In *Análise Social*, XXII (94), 1986-5º, pp. 943-977. Acessível em:

<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223553909H4gHN7tq9Hb28GI2.pdf>

[Consultado a 25/07/2017].

DEUS, António Dias de Deus – *Os Comics em Portugal. Uma história da banda desenhada*, rev. e atualização por Leonardo De Sá. Lisboa : Edições Cotovia/Bedeteca, 1997.

PEREIRA, Augusto Xavier da Silva - *Dicionário Jornalístico Portuguez. Academia de Ciências de Lisboa* (digital), dir. Albérico Fernandes. Lisboa : Academia de Ciências: 2008.

PINTO, António Pinto – «As Elites políticas e a consolidação do Salazarismo: O Nacional Sindicalismo e a União Nacional». In *Análise Social*, vol. XXVII (116-117), 1992 (2.º - 3.º), pp. 575-613. Disponível em:

<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223054439K1rLS7le6Ro44JN3.pdf>

[Consultado a 20/07/2017]

SOUSA, Osvaldo Macedo de Sousa – *História da arte da caricatura de imprensa em Portugal*. [Lisboa] : Humorgrafe/Secretaria de Estado da Comunicação Social, 1998.

Legislação

Decreto n.º 20.608, de 20/08/1932 – Aprova os Estatutos da União Nacional, in no *Diário do Governo*, I Série, n.º 195, de 20 de Agosto de 1932, pp. 1753-1756.